

A educação e a dicotomia emburrecedora

João Carlos Rodrigues Horta¹

RESUMO

Dentro do universo de domínio tecnológico que vivenciamos na atualidade, as informações percorrem imediatamente as distâncias que outrora nos separavam. Os mecanismos de mídia propiciaram uma incrível aproximação entre os entes sociais e um espetacular acesso a todo o conhecimento de origem científica, ou não. A partir dessa grande e reinante acessibilidade que a todo cidadão é permitida, surgiu, como nunca antes vista, a possibilidade de expressão daquilo que se pensa, de suas inclinações e orientações, havendo um grande incentivo para a ocorrência desse fluxo de informações, certamente de interesse do mercado, que o enxerga como um novo nicho para a criação de novos produtos, seja para saber o que se pensa e deseja, seja para manipular esses componentes. Com uma população detentora de uma carência educacional, muito conhecida por todos, assistimos a intensos debates nas mídias digitais que traduzem, infelizmente, esse despreparo para um posicionamento que corresponda aos reais anseios de todos. Assistimos a um verdadeiro “show de horrores”, irresponsável, descabido e, por vezes, muito perigoso. Este artigo aborda, justamente, as possibilidades que esses embates nos trazem de superação das contradições, dentro do universo educacional, inclusive!

PALAVRAS-CHAVE: Mecanismos de mídia; Carência educacional; Superação de contradições.

ABSTRACT

Inside the technological domain that we have been living so far, information has been reaching distances in a short period of time that it has set us apart in other days. The media tools have provided a close approach between social entities and an spectacular access to scientific knowledge or not. And from such approach, accessibility is being offered to people, as never it has seen before, and the communication and expression of what it has been thinking regarding orientation, inclinations and choice helped such information flow, market interest and the visualization of a new niche for the creation of new products and services and the manipulation of such concerns from those members. Based on a population that live under a low level of education, we have been watching many debates in the social medias, that are the result of such lack of preparation and understanding, completely in the opposite way of what is really need it. We have been watching a horror show, composed of irresponsible and dangerous elements. This paper studies the possibilities of such debates when providing contractions, inside a academical universe, though.

KEYWORDS: social media tools; lack of educational support; overcome of contradictions

¹ Psicologia e História (UNISAL) / Pedagogia (UNIG) / Pós-Graduação em Administração de Recursos Humanos (UNITAU) / Mestrado em Educação (UNIGENDAL)

Introdução

Tem se tornado cada vez mais complicada a tarefa de adotar um posicionamento crítico diante dos principais temas que dizem respeito aos interesses nacionais, já que essas proposições, que já são naturalmente complexas e envoltas de muita energia latente, são indissociáveis do cenário político-social pelo qual atravessamos. Um teor de muita gravidade passou a fomentar esses entendimentos do que seja salutar para todos nós.

Temos assistido, há algum tempo, em nosso país um tipo de enfrentamento nunca antes presenciado, pelo menos não dessa forma. A sociedade parece ter se dividido em duas frentes: uma que defende a direita e a outra que, por sua vez, defende a esquerda.

Pois bem, antecede a essa condição um fenômeno até então inédito em nossa história que corresponde à ascensão e ao mergulho em uma grande onda de descrédito do movimento esquerdista brasileiro, fomentado por um sem número de denúncias de corrupção supostamente cometidas durante os governos trabalhistas, nascidos genuinamente do movimento operário em nosso país, e que tinha como grande símbolo o partido dos trabalhadores e sua grande liderança cristalizada na figura de um homem, de origem simples, vindo do norte do país e metalúrgico de carreira.

São inúmeros os elementos a serem analisados em relação a esse recorte de nossa historiografia política que, por sua vez, de alguma forma, corroboram com tudo aquilo que se configurou como componente de nosso percurso político-social, um passado de turbulências, atrocidades sociais e governanças calcadas em princípios escusos e que ignoravam quase por completo a realidade de nosso povo.

Respeitadas as dimensões reservadas a esse período, e as expressivas medidas adotadas com vocação para o social por parte dos governos trabalhistas, um fato parece persistir a todas as influências: a contradição.

Essa tal contradição surgia pulsantemente aos olhos daqueles que conseguiam vislumbrar a sua presença, trazendo consequentemente todo o seu legado de injustiças e martírio destinado evidentemente ao povo brasileiro. Mesmo diante dos grandes avanços trazidos pela esquerda no exercício de seu poder, que alavancaram o desenvolvimento de setores esquecidos e marginalizados pelos governos de direita, algo parecia não correr bem, exatamente como se almejava. Existiam elementos que corroíam as estruturas palacianas, deixando-nos sempre alardeados e temerosos com o que derivaria dessa situação. Uma enorme bomba estava se redimensionando e a grande explosão era

inevitável, assim como efetivamente ocorreu, deixando-nos, de um lado, embasbacados, por outro, surpresos por sua dimensão.

Pois bem, lamentavelmente, esquerda e direita brasileiras pareciam ter tomado para si o mesmo perfil, adotando a mesma lastimável configuração, deixando-nos intimamente assustados, pois, dessa forma, não teríamos mais a quem recorrer. Como diria o compositor Cazusa: “Meus heróis morreram de overdose, meus inimigos estão no poder, ideologia, eu quero uma pra viver!”.

Definitivamente, não tenho a pretensão, ao escrever esse artigo, de traçar em limitadas linhas um paralelo abrangente e que sirva de ancoradouro para análises congruentes e profundas acerca dos caminhos percorridos por nossas vertentes políticas; entretanto, tenho sim a pretensão de trazer elementos que enriqueçam o debate político, grande norteador de nossos posicionamentos e ações de caráter social.

A nossa querida nação mergulhou em um intenso, perigoso e até mesmo insano debate entre os defensores dessas duas frentes – direita e esquerda –, debate esse que parece interminável e que suscita a conclusão de que, quanto mais se avança em relação aos seus propósitos, mais nos distanciamos da formação de uma consciência coletiva, capaz de dar o devido trato às suas causas fundantes, geradora de harmonia que embase o inevitável enfrentamento político, de forma madura, não se arraigando em elementos esterilizantes, que nos levam a uma indesejada letargia.

O que assistimos é um verdadeiro “show de horrores” fomentado por uma agressividade incontida e acumulada há muitas gerações, mas que hoje se sobressalta de forma desordenada, sem um alvo conscientemente predefinido e que está levando o país a um racha estruturalmente alarmante, com consequências imensuráveis em nosso cenário social.

Muito se fala na defesa de uma ou de outra frente, sendo que esse discurso de ódio não nos dá evidência de busca de soluções definitivas para as nossas mazelas. Por outro lado, fica muito explícito que, por trás de todo esse ódio, ocultam-se todos os sentimentos acumulados secularmente, relacionados ao sentimento de desprezo, descaso e abandono a que fora submetida nossa população, que na ânsia por superar essa condição se agarra desesperadamente nessa luta, adotando cegamente uma das frentes, acreditando, assim, estar no caminho certo da purificação dos processos e expurgo dos males a eles associados.

Ambas as frentes se apropriam, evidentemente, de suas justificativas e princípios, para dessa forma subjugar ao outro, como se fora essa a única e exclusiva fórmula a se buscar; aliás, criou-se um perfeito cenário para o surgimento dos famosos “salvadores da pátria”, esses que são grandes oportunistas que se aproveitam da fragilidade reinante, cheios de receitas prontas e dispostos a lutar pela população, como mártires enviados pela divindade.

Ao analisar os intensos e calorosos debates que ocorrem quase sempre através das redes sociais e sua suposta preservação de identidade, encontramos muitos debatedores que se autointitulam, inclusive, como intelectualizados, mas que se apropriam de um radicalismo assustador, já que a realidade não se compõe meramente de uma sucessiva e simplória causalidade, condicionada a uma temporalidade previsível e da qual se possa apreender concretamente.

Ao nos posicionarmos com exclusividade de um lado ou outro do embate, dando vazão a toda nossa agressividade, fomentada pela revolta até então, incauta, privamo-nos de um olhar mais profícuo, passível de um maior alcance da subjetividade típica de todas as expressões sociais e humanitárias, fazendo de nosso discurso um emaranhado de afirmações tomadas de veemência inquestionável e anulando toda e qualquer absorção de fundamentações trazidas pela frente oposta. Pretendo afirmar com isso que é possível, sim, utilizarmos elementos de frentes colocadas opostamente para alicerçarmos um discurso mais próximo do genuíno e fundado na realidade e não em proposições alienantes e comprometidas com objetivos manipulatórios.

O grande pensador Karl Marx, que tem sua obra difundida pelos quatro cantos do mundo contemporâneo, trouxe-nos ensinamentos que parecem, talvez, devido ao seu alto teor de complexidade, não terem sido ofertados de maneira acessível à grande camada populacional. Entre os muitos ensinamentos, encontramos um dispositivo cognitivo que é basilar em sua obra e que se denomina método dialético, ofertando-nos a possibilidade de adoção de uma postura analítica perante o social, buscando aquilo por nós alardeado nas linhas acima: a eliminação dos elementos contraditórios presentes no discurso, seja ele de qual origem for. Marx, acima de tudo, prega uma teorização da realidade que tem fundamentos no humano e não na coisificação imposta pelo capitalismo. Antes que se diga maleficamente de minhas inclinações esquerdistas, eu proporia a hipótese de que todos os nossos interesses se fundamentam no humanitário e que todos nós, de alguma

maneira, buscamos a isso, ou seja, o nosso bem-estar e o da sociedade a que nos integramos.

De acordo com Alves (2010, p. 1),

A concepção marxista é uma ciência à qual o pensador alemão Karl Marx deu o nome de materialismo histórico e cujo objeto são as transformações econômicas e sociais, determinadas pela evolução dos meios de produção. Marx constrói uma dialética (do grego dois logos) materialista, em oposição à dialética idealista hegeliana. O materialismo dialético pode ser definido como a filosofia do materialismo histórico, ou o corpo teórico que pensa a ciência da história. Os princípios fundamentais do materialismo dialético são quatro: (1) a história da filosofia, que aparece como uma sucessão de doutrinas filosóficas contraditórias, dissimula um processo em que se enfrentam o princípio idealista e o princípio materialista; (2) o ser determina a consciência e não inversamente; (3) toda a matéria é essencialmente dialética, e o contrário da dialética é a metafísica, que entende a matéria como estática e anistórica; (4) a dialética é o estudo da contradição na essência mesma das coisas.

E Alves (2010, p. 1-2) continua a sua análise:

Baseado na dialética de Hegel, segundo a qual o progresso das ideias se dá pela sucessão de três momentos –tese, antítese e síntese –, o materialismo dialético pretende ser, ao mesmo tempo, o fim da filosofia e o início de uma nova filosofia, que não se limita a pensar o mundo, mas pretende transformá-lo. O materialismo dialético entende que não existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instâncias sociais e individuais, objetividade-subjetividade, interno-externo. Entretanto, é comum vermos nas publicações marxistas certa rejeição ao tema da subjetividade. O marxismo fundou na história do pensamento uma ontologia ancorada em bases de uma dialética eminentemente histórica, que redimensionou um conjunto de questões concernentes à relação do homem com sua história, do homem consigo mesmo (Silveira, 1989). O homem marxiano se recusa como um ser apenas determinado na/pela história, mas como transformador da história, sendo a práxis, a forma por excelência desta relação.

Pretendo deixar explicitado claramente que não concordo com as equivocadas experiências adotadas pelas nações que se autointitularam como comunistas. Esses modelos a que assistimos, e que tanto incomodam os representantes do capital e do livre mercado, não passam a meu ver de aplicações distorcidas da teoria marxista. Essas experiências vividas nesses países correspondem à Ditadura do Proletário, que por sua vez é uma fase intermediária e necessária entre a Ditadura sobre o Proletariado e o Comunismo, esse que prega que o verdadeiro sistema deve se impor pela consciência, pela aceitação de todos e não imposta belicamente, como assim percebemos. E diria mais, se não nos é possível vivermos essa suposta harmonia, e sim, essa realidade capitalista, coisificada, que pelo menos façamos valer os princípios socialistas que defendem o ser

humano da exploração mecanicista dos detentores dos meios de produção. Sim, é possível vivermos em um sistema de orientação capitalista buscando o equilíbrio nas ideias socializantes, colocando o ser humano no centro de todas as pautas, investindo em educação, saúde, segurança, etc. Por si só, o sistema capitalista pouco se importa com o fluxo social, a não ser que suas mazelas estejam emperrando a sua força motriz, baseada na produção e no consumo. Fora isso, esse sistema acaba mesmo por criar nichos populacionais que detêm o acesso a esse mercado, produzindo e consumindo, em detrimento de uma grande massacre se torna marginalizada e relegada ao descaso.

Em função de tudo o que explanei, deparamo-nos, atualmente, com uma sociedade paralisada em uma profunda miopia patrocinada pela adoção de uma “dicotomia burra”, que nos faz digladiar insistentemente, que ajuda a dissipar nossa energia de reação, dando margem, como já fora dito, para um sem número de oportunistas, ávidos para assumirem as rédeas dos mecanismos oficiais de controle. Devemos sim, nesse delicado momento, unirmos nossas forças pelo mesmo ideal, na busca de rumos alternativos a um sistema que, corroído em seus alicerces, dá sinais claros de saturação.

Curiosamente, presenciamos, nos calorosos debates entre esquerda e direita, a incapacidade e indisposição de se avançar perante os impasses advindos dessa confrontação; ou seja, utilizam-se de teses e antíteses em suas argumentações, paralisando a súplica por uma necessária evolução. Referimo-nos que, a todo embate que envolve posicionamentos opostos, o que é evidente, devemos buscar o aprimoramento naquilo que se denomina síntese.

E a educação em nosso país, como acaba sendo afetada? Encontra-se um cenário deteriorado, como é do conhecimento de todos, com um corpo de alunos desprovidos, de uma maneira geral, de instrumentalização suficiente que os leve a um posicionamento fidedigno perante as suas próprias demandas, o que os torna presa fácil para as armadilhas impostas pelo sistema.

Recentemente temos presenciado uma iniciativa, com cunho claramente político, que se autointitula de “escola sem partido”. Essa proposta, que foi transformada em projeto de lei, visa proibir qualquer tipo de manifestação política ou de exposições teóricas sobre política, com a justificativa de que nossos alunos estariam sendo “bombardeados” pela influência nefasta de alguns professores, notadamente os de orientação esquerdista que, por sua vez, intencionalmente, estariam doutrinando nossos jovens.

De acordo com Miguel (2016, p. 595),

O fortalecimento público deste discurso abertamente conservador permitiu que ganhasse visibilidade – e expressão parlamentar – um movimento que acusa as escolas de “doutrinação ideológica” e propõe medidas para impedir que professoras e professores expressem, em sala de aula, opiniões consideradas impróprias. A principal organização é o Movimento Escola Sem Partido (MESP), que se apresenta como uma “iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação políticoideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”. Fundado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib, o MESP permaneceu na obscuridade até o início da década de 2010, quando passou a ser uma voz frequente nos debates sobre educação no Brasil. Seu programa foi abraçado por todos os grupos da direita brasileira. É o idealizador de projetos de lei que tramitam em todo o Brasil, nas Câmaras de Vereadores e Assembleias Legislativas, e também no Congresso Nacional. Com o golpe parlamentar de 2016, que destituiu a presidente Dilma Rousseff, a proposta do MESP passou a contar com a simpatia do novo ministro da Educação, o administrador e político pernambucano Mendonça Filho.

Em resposta a isso, diria que a questão não paira simplesmente sobre o podemos ou não expor nossos jovens a um universo teórico-político, e sim, em primeiro lugar, sobre a necessidade de que esses jovens, através da educação básica possam se tornar cognitivamente instrumentalizados para se possibilitarem a discernir o que realmente lhes convém como atributo de suas consciências, individualidades e como aportes sociais.

Para Frigotto (2016, p. 11),

Os arautos e mentores da “Escola Sem Partido” avançam num território que historicamente desembocou na insanidade da intolerância e eliminação de seres humanos sob o nazismo, o fascismo e similares. Uma proposta que é absurda e letal pelo que manifesta e pelo que esconde. O que os projetos que circulam no Congresso Nacional, em Câmaras Estaduais Municipais, em alguns casos como Alagoas, já aprovados, cuja matriz é a “Escola Sem Partido” liquidam a função docente no que é mais profundo – além do ato de ensinar, a tarefa de educar. Na expressão de Paulo Freire, não por acaso execrado pelos autores e seguidores da “Escola Sem partido” – educar é ajudar aos jovens e aos adultos a “lerem o mundo”. Um dos argumentos basilares da “Escola Sem Partido” é a tese da “Liberdade de Ensinar”. O que se elimina e combate é justamente a liberdade de educar. O que era implícito desde a revolução burguesa, instruir sim, ainda que de forma diferenciada, mas educar não, agora é proclamado como programa de ação.

Sendo respeitada essa condição primeira, creio, de forma deverasmente imprescindível, que todo o corpo discente, seja, sim, submetido a todo o tipo de explanação, sendo de qualquer orientação, inclusive, como fruto de inclinações e preferências próprias da identidade de cada professor, pois não há apreensão e manejo

cognoscente se não conhecermos a realidade em que vivemos amplamente. Não haverá doutrinação pura e simples se nossos alunos souberem se posicionar perante os discursos.

Esse projeto, que visaria a princípio defender nossos alunos de “abomináveis influências”, só os tornará mais fragilizados ainda dentro desse emaranhado de significações que compõem o tecido social.

Indubitavelmente, essa é uma iniciativa que desfere mais um golpe contra a educação nacional, emburrecendo-nos cada vez mais diante dessa dicotomia paralisante!

Referências

ALVES, Álvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 9, n. 1, p. 1-13, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio. “Escola sem partido”: imposição da mordaza aos educadores. **e-Mosaicos: Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)**, Rio de Janeiro, v.5, n. 9, p. 11-13, jun. 2016.

MIGUEL, Luís Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola Sem Partido e as leis da mordaza no parlamento brasileiro. **Revista Direito e Praxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.